

RELATORIA #9

Título da mesa/painel: Conferência Magna

Data: Rio de Janeiro, 23 de julho de 2024, 10h-11h

Local: Auditório do BNDES – Av. República do Chile, 100, Centro

Participantes

Ha-Joon Chang, Professor, SOAS Universidade de Londres

Moderador/Mediador

Helena Tenório, Diretora, BNDES

Relatoria Geral

Essa mesa discutirá sobre soluções para o desenvolvimento econômico e que um futuro possível exige instrumentos de financiamento e um Estado ativo. Chang é conhecido pelo livro "Chutando a escada". Celso Furtado definia que o desenvolvimento econômico diz respeito à transformação qualitativa relacionada a múltiplas e distintas dimensões. "Não queremos a mesma escada, mas construir uma nova". A escola que queremos construir é baseada em transição ecológica e cooperação internacional, por meio de uma nova governança global. O conceito de policrise é desenvolvido para expressar as tensões geopolíticas, crise climática, humanitária etc. e estão intimamente interligadas.

Ha-Joon Chang (Universidade de Londres)

- O trabalho de Celso Furtado foi uma grande influência no trabalho de Chang, que o conheceu em 2000. O modo mais efetivo de chutar a escada é que há tendências que emergem que irão destruir a escada elas mesmas. Estamos vivendo em um mundo globalizado, com "trends" que se transformam rapidamente - inteligência artificial, novas tecnologias, engenharia etc. - e os países em desenvolvimento acreditam que precisam "pular a industrialização" para o nível da 4ª revolução industrial. É preciso se questionar se estamos vivendo uma policrise - econômica, social, ambiental, epidemiológica etc.?. Esse tempo é sério o que não significa dizer que outros tempos não tiveram múltiplas guerras.

- Em 1970, diversas guerras e as crises do petróleo geraram uma ampla preocupação e o medo da guerra nuclear nos fazia acreditar em um "fim da História". De fato, o nosso tempo é único porque as crises são apenas para algumas pessoas e não para as outras. A crise climática tem atingido, de uma forma acelerada, o ponto de não retorno.
- Em outros aspectos, questiona-se se estamos vivendo um tempo histórico realmente único. É preciso compreender a natureza do fenômeno de forma correta para solucioná-lo.
- Uma primeira sugestão analítica é que deve-se analisar este fenômeno e criticar os conceitos - megatrends, policrise e geopolitical shifts. A crise é para quem? Na China o PIB cresceu 80x desde 1979 e o Vietnã desde 1986 cresceu 18x. Pessoas em diversas situações de vulnerabilidade no mundo vivem em uma situação de "permanente crise" - a visão de policrise é *class-biased* e Ocidental. Desde o neoliberalismo até 2008 muitas pessoas pobres em países ricos já sofreram com aumento das desigualdades. Por que estamos vivenciando tanta preocupação e nacionalismo e xenofobia no Ocidente? Outro exemplo de *class-biased* está relacionada à noção de inteligência artificial e o medo de "robôs substituírem humanos". Não há nada novo - a história do capitalismo tem sido a história da automação e da substituição do trabalho por máquinas. Apesar disso, há preocupação nesse sentido pois está afetando o trabalho de pessoas que escrevem sobre isso (trabalhos liberais, valorizados) - são as mesmas pessoas que "riam dos *blue collar workers*". A preocupação cresceu porque nesse momento os trabalhos dos mais ricos estão sendo ameaçados (*white collar workers*). Os trabalhos que forem destruídos precisarão ser adaptados no sentido de reparação e novos treinamentos, mas é preciso sempre questionar as discussões e debates a partir de uma lente crítica. É preciso se questionar se um conceito emerge e é discutido sob a perspectiva de quem (de que classe, raça etc.).
- A segunda sugestão analítica é de que os fenômenos devem ser analisados em sua "fundação/base", o que requer diagnósticos profundos e históricos. Há uma polarização entre China e EUA em termos macroeconômicos - mas esta não é a 2ª Guerra Fria, nenhum dos países é capaz de cortar relações com o outro. A China possui 13% da dívida americana e os EUA são o 2º maior trading partner da China. As cadeias de valor dos EUA dependem da China e para desconstruir tal dependência seria custoso e um projeto a longo prazo (demoraria pelo menos 50 anos para mudar 20%, US\$9 trilhões). A China está muito "perto" - se os EUA quisessem se afastar do crescimento econômico desse país, precisariam ter feito isso há 50 anos antes. A terceira sugestão analítica

é que não se deve tomar nada como inevitável. Criou-se uma ideia de que "todas as violências e crises" teriam que acontecer, como algo infalível do neoliberalismo (um caminho único e necessário).

- Nas últimas 4 décadas, a desigualdade aumentou nos países ricos - há um grupo que a desigualdade não aumentou, mas caiu, e entre eles está a França, Canadá, Suíça e Holanda. Se a globalização fosse o motivo para o aumento de desigualdades, esses países deveriam ter esse comportamento por serem economias abertas - bem mais que o Japão e EUA no qual as desigualdades aumentaram e as economias são mais fechadas. Uso da globalização como desculpa para a não realização de redistribuição de renda. Brasil e África do Sul em 1993 eram os países mais desiguais do mundo e desde então houve uma redução no Brasil e um aumento da África do Sul.
- O debate sobre o futuro do mundo está amparado em perspectivas enviesadas - e sobretudo pois o status quo se sente ameaçado. É preciso de ações para os desafios de forma mais justa e real.
- A crise climática não seria única, é o que diferenciaria o nosso tempo. É a maior e mais complexa - estamos correndo contra o tempo. As tecnologias tem avançado mas não no tempo necessário (como a energia nuclear). Os países do Sul teriam que achar um jeito de *derisk* pois os países do Norte teriam o poder sob as tecnologias e o financiamento necessário para transformação.

Síntese

Diagnóstico/Principais desafios

- Estamos vivendo em um mundo globalizado, com tendências que se transformam rapidamente - inteligência artificial, novas tecnologias, engenharia etc. - e os países em desenvolvimento acreditam que precisam "pular a industrialização" para o nível da 4a revolução industrial.
- A crise climática é o verdadeiro diferencial do século XXI, sendo uma ameaça pois tem se aproximado, de uma forma acelerada, do ponto de não retorno.
- Não há nada novo - a história do capitalismo tem sido a história da automação e da substituição do trabalho por máquinas. Apesar disso, há preocupação nesse sentido pois está afetando o trabalho de pessoas que escrevem sobre isso (trabalhos liberais, valorizados) - são as mesmas pessoas que "riam dos *blue*

collar workers". A preocupação cresceu porque nesse momento os trabalhos dos mais ricos estão sendo ameaçados (*white collar workers*).

- Nas últimas 4 décadas, a desigualdade aumentou nos países ricos - há um grupo que a desigualdade não aumentou, mas caiu, e entre eles está a França, Canadá, Suíça e Holanda. A globalização tem sido mobilizada como instrumento retórico para a não redistribuição efetiva de renda.
- O debate sobre o futuro do mundo está amparado em perspectivas enviesadas - e sobretudo pois o status quo se sente ameaçado.
- A transformação digital - seu uso, produção etc. - tende a reforçar as assimetrias globais.

Papel do Estado frente a esses desafios

- O Estado deve formular e implementar políticas de redistribuição de renda.

Propostas

- Questionar se há de fato uma polícrise em curso.
- Diagnosticar e analisar criticamente a natureza do fenômeno [das crises em curso] de forma correta para solucioná-lo. Uma primeira sugestão analítica é que deve-se analisar este fenômeno e criticar os conceitos - *megatrends*, *polícrise* e *geopolitical shifts*. A segunda sugestão analítica é de que os fenômenos devem ser analisados em sua "fundação/base", o que requer diagnósticos profundos e históricos.
- Os países do Sul devem elaborar uma estratégia de *derisk* pois os países do Norte teriam o poder sob as tecnologias e o financiamento necessário para transformação.